

Vozes do Pirocaba: mulheres construindo a comunicação contra-hegemônica em defesa do território



Marcela Vecchione Gonçalves¹

Tatiana Ferreira Reis²

RESUMO

O Território Agroextrativista Pirocaba, no município de Abaetetuba, encontra-se ameaçado pelo processo de territorialização de grandes projetos de infraestrutura voltados para acelerar a exportação de *commodities*, principalmente a soja, assim como ocorre com uma diversidade de territórios na região do Baixo Tocantins, no estado do Pará. O objetivo deste artigo é discutir a realização de oficinas de podcast e rodas de conversa como metodologias de pesquisa-ação voltadas para a construção de um processo de comunicação popular e contra-hegemônico com um grupo de mulheres do Pirocaba. Elas desenvolvem atividades como o extrativismo e a agricultura agroecológica, movimentando uma economia feminista e popular que se constitui como instrumento de resistência. Os primeiros resultados apontam que as metodologias de pesquisa-ação adotadas, além de auxiliarem a produção de informação contra-hegemônica, podem amplificar as vozes das mulheres do Pirocaba, evidenciando suas práticas produtivas e socioculturais ancoradas em territorialidades que conectam natureza e cultura de forma inseparável.

Palavras-chave: Mulheres. Comunicação contra-hegemônica. Agroecologia. Baixo Tocantins.

¹ Professora e pesquisadora do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA). PhD em Ciência Política/Relações Internacionais pela McMaster University. E-mail: marcela.vecchione@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFPA. E-mail: tatianajor@gmail.com.

ABSTRACT

The Pirocaba Agroextractivist Territory, in the municipality of Abaetetuba (Pará, Brazil) is threatened by the process of territorialization of large infrastructure projects aimed at accelerating the export of commodities, mainly soybeans, in a similar way that happens in a diversity of territories in the Baixo Tocantins region. The objective of this paper is to discuss the podcast production workshops and conversation circles as action research methodologies aimed at building a popular and counter-hegemonic communication process with a group of women from Pirocaba. They develop activities such as extractivism and agroecological agriculture, driving a feminist and popular economy that constitutes an instrument of resistance. The first results indicate that the adopted action research methodologies, in addition to helping the production of counter-hegemonic information, can amplify the voices of women from Pirocaba, highlighting their productive and sociocultural practices anchored in territorialities that connect nature and culture in an inseparable way.

Keywords: Women. Counter-hegemonic communication. Agroecology. Baixo Tocantins.

INTRODUÇÃO

O Território Agroextrativista Pirocaba, localizado no município de Abaetetuba, na região do Baixo Tocantins, no Pará, é liderado por mulheres que trabalham na agricultura agroecológica, no extrativismo, no artesanato e na pesca, entre outras atividades realizadas em quintais e espaços de uso comum. Esse trabalho garante segurança alimentar, fonte de renda e conservação da natureza, podendo ser compreendido como parte das economias feminista e popular, que privilegiam a reprodução social ao invés do produtivismo voltado à maximização do lucro, conforme Federici (2019) e Gago (2020).

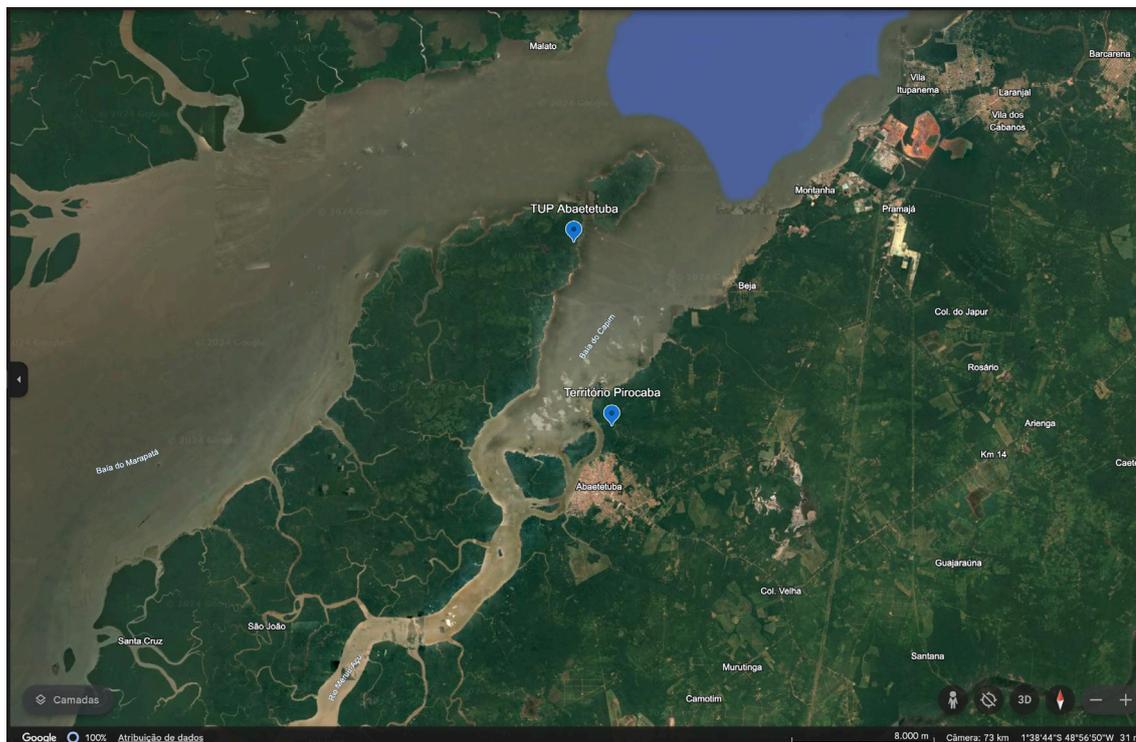
Há registros da formação do território Pirocaba pelo menos desde 1890, segundo consta no seu Protocolo de Consulta Prévia Livre e Informada (PCPLI, 2018)³. Conforme estimativa da Associação dos Agroextrativistas, Pescadores e Artesãos do Pirocaba (ASAPAP), cerca de 300 famílias compõem a comunidade em 2024. O território Pirocaba pode ser acessado por terra, pela rodovia PA-409 e ramal do Jarumã, ou por via fluvial, sendo recortado pelo rio Pirocaba, além de furos e igarapés utilizados cotidianamente pela comunidade para transitar entre suas margens, seja com o uso de canoas ou rabetas.

Assim como outros territórios do município de Abaetetuba, o Pirocaba encontra-se ameaçado pela instalação de grandes projetos de infraestrutura na Amazônia, voltados para acelerar a exportação de *commodities*, em especial a soja. Essas ameaças se intensificaram quando foi lançado o projeto do Terminal de Uso Privado (TUP) da multinacional alimentícia Cargill, na ilha de Urubueua, em Abaetetuba (figura 1). A possibilidade de concretização do porto da Cargill, localizado mais precisamente no Furo do Capim, poderá impactar, entre outras atividades, a pesca, o transporte fluvial e a produção agroextrativista de diversos territórios tradicionais, como ribeirinhos e quilombolas, na região das ilhas de Abaetetuba.

O objetivo deste artigo é analisar a realização de rodas de conversa e oficina de comunicação como metodologias de pesquisa-ação planejadas e realizadas com um grupo de mulheres do Território Agroextrativista Pirocaba. Considera-se pesquisa-ação aquela em que pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo cooperativo para agir sobre um problema, conforme definição de Baldicera (2001). Neste caso, a pesquisa-ação volta-se para a construção de um processo de comunicação contra-hegemônica direcionada à defesa do território e à visibilização do trabalho das mulheres na agroecologia, inserido nas economias feminista e popular.

3 O Protocolo de Consulta Prévia Livre e Informada do Pirocaba determina como a comunidade do Pirocaba quer ser consultada sobre iniciativas, ações e projetos relacionados ao território. Lançado em 2018, o documento foi resultado de um longo processo de amadurecimento e discussão da comunidade sobre seus direitos, com apoio da FASE/Fundo Dema e do Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria Pública do Estado do Pará (DPE).

Figura 1 - Território Pirocaba em relação à área do Terminal de Uso Privado da Cargill (TUP), no furo do Capim, na região das ilhas de Abaetetuba



Fonte: Elaboração própria, adaptação do Google Earth.

Ao tratarmos sobre comunicação contra-hegemônica, consideramos experiências de comunicação que dialogam com o que o filósofo e jornalista italiano Antonio Gramsci define como ações contra-hegemônicas: “instrumentos para criar uma nova forma ético-política” (1999, p. 314-315), cujo objetivo é denunciar e tentar reverter as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista.

A escolha do território Pirocaba como lugar em que se desenvolve esta pesquisa deve-se à singularidade das suas características sociopolíticas e territoriais. Trata-se de um território tradicional liderado por mulheres que participam ativamente das mobilizações políticas voltadas à defesa dos territórios do Baixo Tocantins. Elas atuam em movimentos sociais e participam de intercâmbios com outros territórios. Importante considerar também que o Baixo Tocantins é uma região muito afetada por projetos desenvolvimentistas, ao mesmo tempo em que sua população vem desenvolvendo, historicamente, formas plurais de resistência.

Outra motivação central é a participação das mulheres do território Pirocaba no projeto das Cadernetas Agroecológicas⁴, coordenado e executado no Pará pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) e pelo Fundo Dema, em parceria com a Rede Amazônia de Mulheres (RMERA). A participação das mulheres do Pirocaba no projeto das

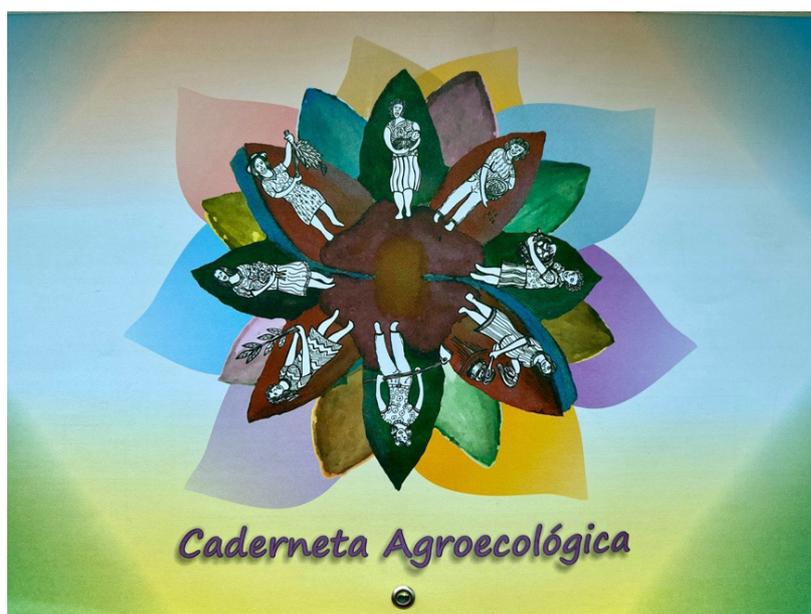
4 Enquanto instrumento metodológico, as cadernetas foram elaboradas pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), em Minas Gerais, em diálogo com o Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA). Também foi adotado, junto com a Caderneta Agroecológica, um Questionário de Caracterização Socioeconômica (QCS) para a construção do perfil das agricultoras.

cadernetas incluiu formações políticas e agroecológicas, parte delas acompanhadas por esta pesquisa, na etapa investigativa do trabalho.

As Cadernetas Agroecológicas são cadernos de anotações (Figura 2) onde as agroextrativistas, pescadoras e artesãs registram cotidianamente tudo o que produzem e coletam nos seus quintais e espaços comuns, organizando as anotações em quatro categorias conforme o destino da produção: consumo, doação, troca ou venda. Para citar alguns exemplos, andiroba, taperebá, cupuaçu, açaí, macaxeira, limão, peixe, galinha caipira e o artesanato são registrados na caderneta com valores de referência e quantidades produzidas, possibilitando a sistematização da produção.

As Cadernetas Agroecológicas foram adotadas levando em consideração princípios da Economia Feminista, com objetivo de mostrar que o trabalho das mulheres rurais é fundamental para a subsistência das famílias e está inserido no conjunto da economia. A partir do uso cotidiano das cadernetas, tem sido possível mensurar, visibilizar o trabalho das agricultoras agroecológicas e, ainda, contribuir para a promoção da sua autonomia e empoderamento.

Figura 2 Capa e área de anotações da Caderneta Agroecológica



por meio de ações de comunicação contra-hegemônica desenvolvidas no território.

Incentivar uma relação dialógica entre pesquisadoras e mulheres agroextrativistas é outro pressuposto importante para esse trabalho. Acredita-se, em concordância com Freire, que a problematização do conhecimento por meio do diálogo constitui-se como forma de subverter a hierarquização e a separação entre os saberes técnico-científicos e os saberes construídos por meio das experiências e vivências no território. Freire critica trabalhos de extensão que pretendem levar conhecimentos aos camponeses sem considerá-los seus saberes.

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (Freire, 2013, p.29).

Utilizada como metodologia em diversas áreas, a pesquisa-ação foi introduzida no Brasil pelo sociólogo João Bosco Pinto, no campo da educação e do planejamento rural, para incentivar a participação dos camponeses nos processos de planejamento e desenvolvimento local e regional (Baldicera, 2001). A pesquisa-ação pode agregar várias técnicas de pesquisa social. Procurou-se, neste caso, escolher ferramentas adequadas aos propósitos da pesquisa com as mulheres agroextrativistas do Pirocaba.

Utiliza-se de técnicas de coleta e interpretação dos dados, de intervenção na solução de problemas e organização de ações, bem como de técnicas e dinâmicas de grupo para trabalhar com a dimensão coletiva e interativa na produção do conhecimento e programação da ação coletiva. (Baldicera, 2001, p.7)

A primeira fase desta pesquisa-ação, a etapa investigativa, valeu-se da observação participante como método para acompanhar reuniões de formação sobre as Cadernetas Agroecológicas. Também foi possível acompanhar as mulheres do Pirocaba em mobilizações contra o porto da Cargill, ocorridas em Abaetetuba e em Belém, entre 2022 e 2023. Assim, estabeleceram-se aproximação e diálogo sobre a pesquisa de doutorado e o desenvolvimento do projeto de comunicação contra-hegemônica, contemplando as preocupações das mulheres sobre a permanência no território.

Mónico *et. al* avaliam que a observação participante é um método útil quando o pesquisador está interessado na dinâmica de um grupo no seu meio natural, e não apenas em recolher respostas individuais às questões. “Para prover uma perspectiva holística e natural das matérias a serem estudadas, este método permite aos investigadores um bom caminho de observação” (2017, p.727).

Três movimentos importantes da pesquisa-ação foram priorizados neste período: a aproximação do território Pirocaba e a criação de uma relação dialógica com as mulheres agroextrativistas; o contato com as lideranças para dialogar em torno da posposta de pesquisa e sobre a comunicação contra-hegemônica; e a participação na vida política e sociocultural da comunidade, incluindo manifestações em defesa dos territórios. Essa fase fomentou o apoio mútuo e a confiança entre pesquisadoras e participantes da pesquisa.

A realização de entrevistas, conversas informais, anotações em caderno de campo e a observação participante apontaram que as lideranças no Pirocaba dispõem de formação política crítica e se constituem como sujeitos ativos na produção do conhecimento, assim como são agentes de transformação na comunidade, portanto estão aptas para a

coparticipação no trabalho de pesquisa-ação, que envolve socialização de experiências e compartilhamento de conhecimentos teóricos e metodológicos (Baldissera, 2001).

A roda de conversa *Amplificar as vozes das mulheres: agroecologia e direito à comunicação*, que corresponde à segunda etapa da pesquisa-ação, foi realizada no dia 18 de novembro de 2023, na Casa de Cultura Cabas de Fogo, localizada no espaço da ASAPAP. Com objetivo de compartilhar informações sobre o tema e ampliar o debate para um grupo de dez mulheres do território foi iniciado o projeto de comunicação contra-hegemônica, com ações discutidas e planejadas de forma conjunta.

As participantes da roda ficaram responsáveis por organizar a Casa de Cultura (Figura 3), espaço construído pela comunidade em mutirão foi inaugurado no segundo semestre de 2023. É onde realizam eventos, formações, festas e ponto de encontro das mulheres para fazerem artesanato juntas. É também um lugar de aprendizagem, acolhimento e partilha de saberes, segundo definição delas.

Na abertura da programação, as mulheres do Pirocaba realizaram a mística, momento de concentração e integração com recitação de poesias e cantigas que falam dos direitos das mulheres. No centro da roda depositaram suas Cadernetas Agroecológicas e itens da produção agroecológica - frutas, doces caseiros, biscoitos -, além das peças de artesanato, como biojoias, brinquedos de miriti e um exemplar da publicação do Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada do Território Agroextrativista Pirocaba, utilizada como referência na roda de conversa.

Figura 3 – Roda de conversa na Casa de Cultura Cabas de Fogo, território Pirocaba



Fonte: Elaboração própria.

A proposta de pesquisa-ação foi compartilhada com as participantes no início da roda de conversa. Também foi apresentado o documento de autorização submetido à ASAPAP, conforme orientação expressa no Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada. Optou-se pela roda de conversa para estimular uma comunicação espontânea e horizontalizada, de forma que a pesquisadora – externa ao território – pudesse dialogar como mediadora no processo.

A roda de conversa foi aberta com opiniões e relatos sobre a importância da comunicação enquanto direito. Para estimular e preparar as participantes para o diálogo, foi realizada uma leitura comentada de alguns artigos do Capítulo V da Constituição Federal de 1988 sobre a Comunicação Social. O art. 221, reproduzido no Quadro 1, foi o que mais chamou atenção das mulheres por preconizar a diversidade e a regionalização da produção dos veículos de comunicação, o que não acontece na prática, por falta de regulamentação sobre o tema até hoje.

Quadro 1 - Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 – Artigo 221

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

- I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;
- II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;
- III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;
- IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Daniella Araújo, então presidente da ASAPAP com mandato encerrado em dezembro de 2023, estabeleceu relação entre a ausência do direito à comunicação e dificuldades encontradas na luta pela permanência nos territórios de Abaetetuba. O relato da liderança pode ser analisado no contexto histórico de silenciamento e de invisibilização das populações tradicionais amazônicas (Dutra, 2009), que favorece a territorialização do capital transacional vinculado ao agronegócio em detrimento das formas de produção e de reprodução social ligadas às territorialidades amazônicas. A seguir, o depoimento de Daniela Araújo na roda de conversa:

A questão da comunicação nos territórios é muito difícil. Nós mulheres agora que temos mais acesso ao celular. Temos emissoras de rádios em Abaetetuba, mas é muito difícil eles virem no território pra nos escutarem sobre a nossa realidade. Nós percebemos a importância da comunicação quando começamos a luta pela nossa permanência no território. Nós estamos aqui, mas é como se não estivéssemos. Sem comunicação fica muito fácil pras grandes empresas que querem instalar projetos dizerem que aqui não tem pessoas, não tem pescadores ou áreas de pesca, como eles fazem. Foi aí que percebemos que precisamos da comunicação pra dizer quem somos, o que é o território Pirocaba, como vivemos, o que a gente produz aqui... Isso é muito importante. Criamos o grupo da resistência dentro do território pra nos mobilizar, pelo WhatsApp, e passamos a mostrar o que temos nos nossos quintais, nossa produção. Mas precisamos aprender muito mais sobre comunicação porque não queremos que falem por nós. Esse direito à comunicação todas nós precisamos ter (informação verbal, 2023).

Dayane Araújo, irmã de Daniela, também liderança do Pirocaba, se mostrou uma observadora atenta do poder das narrativas mais valorizadas pelos veículos de comunicação tradicionais ou hegemônicos, aqueles vinculados a fortes interesses econômicos e empresariais. A liderança refletiu sobre obstáculos que precisam ser transpostos para a prática da comunicação contra-hegemônica no território.

A televisão mostra o tempo todo que o agro é ótimo e a gente não tem como acessar esses veículos pra falar da nossa produção agroecológica. A gente consegue mostrar algumas coisas nas redes sociais, mas precisamos muito de conhecimentos e de acesso a alguns equipamentos, alguma estrutura, pra nos comunicar. Já pensou se um dia a gente tiver um rádio comunitária? Isso seria não só resgatar o rádio que os antigos tanto gostam como também a possibilidade de anunciar nossas atividades pra toda a comunidade (informação verbal, 2023).

O grupo lembrou a importância das Cadernetas Agroecológicas que, por meio das anotações da produção, informam sobre muitas vivências no território, além de apoiarem a reflexão sobre o trabalho do cuidado, entre outros aspectos centrais da vida das mulheres. Ao analisarem a capa da caderneta, observaram que o desenho da mandala da capa da caderneta (Figura 2) comunica sobre a importância da união e da solidariedade entre elas, fator de estímulo para a produção agroecológica, assim como para as ações voltadas à visibilização dos seus modos de vida e das economias do território.

O planejamento prévio, a organização e o engajamento coletivo foram fundamentais para o bom aproveitamento da roda de conversa como metodologia. A troca de ideias fluiu de forma livre e horizontal, como planejado. Os conteúdos despertaram reflexões sobre a importância da comunicação como forma de propagar os anúncios do Pirocaba, assim como para denunciar os problemas que mais preocupam a comunidade, como a própria luta pela permanência no território e sua relação com a conservação da natureza, prevista no Plano de Gestão Territorial da Comunidade Pirocaba (2022)⁶.

Observa-se aqui a conexão com a reflexão de Porto-Gonçalves sobre o conceito de território, que deixou de ser pensado como a base física da soberania do Estado, tal como consagrado no direito internacional, e passou a ser enxergado como o processo de apropriação e controle do espaço, das pessoas e da natureza, “revelando as tensas relações de poder que lhes são constitutivas” (2014, p.13). O autor observa que essa apropriação da natureza também apresenta uma forte dimensão simbólica, acompanhada por uma intensa luta pelos sentidos a ela atribuídos, o que se conecta com a relevância da comunicação contra-hegemônica neste embate.

Avaliou-se ainda, como estratégia metodológica, a importância da leitura, contextualização e do debate sobre a ausência do direito à comunicação – prevista na Constituição Federal de 1988 – antes de partir para a etapa que comporta a experiência prática, pois também se considera que “não é possível ensinar técnicas sem problematizar toda a estrutura em que se darão estas técnicas” (Freire, 2013, p.54).

6 O Plano de Gestão Territorial (PGT) do território Pirocaba é o principal instrumento relacionado à organização territorial e à preservação ambiental, resultado de oficinas e discussões realizadas em reuniões com apoio da FASE. O Plano de Gestão dialoga com o Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada da Comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a avaliação das atividades da roda de conversa, o grupo solicitou que a realização da oficina de comunicação prevista no projeto fosse antecipada para colocar em prática a divulgação de informações que consideram importantes, como aquelas relacionadas à produção agroecológica e extrativista que promove soberania alimentar e convivência respeitosa com a natureza. Milena Vasconcelos Silva, artesã e agroextrativista, reforçou a necessidade de continuidade da pesquisa-ação.

Dizem que a comunicação é pra ajudar o povo, mas não é o que acontece na mídia. Por isso eu acho que a gente tem que fazer o nosso projeto de comunicação começando do jeito que for possível. A gente precisa buscar esse direito à comunicação que você estava nos explicando e que eu não conhecia. Precisamos buscar mais conhecimentos sobre isso pra mostrar o tanto de coisas boas que fazemos aqui no Pirocaba e também divulgar os nossos problemas (informação verbal, 2023).

Como resultado prático dos primeiros movimentos da pesquisa-ação, a Oficina de Comunicação Agroecológica, Feminista e Popular foi realizada no dia 13 de janeiro de 2024. Sugerimos atividades como produção de fotografia, vídeo ou áudio para podcast como possibilidades para esta primeira experiência. As participantes optaram por produzir imagens e um podcast para circular no *WhatsApp*. Explicaram que o aplicativo tem sido utilizado com muita frequência não só para as comunicações internas, mas também para a comunicação entre territórios. A vantagem, segundo informaram, é que “todo mundo tem” e não há grandes dificuldades para distribuição de mensagens e informativos.

Para efeito de análise deste artigo vamos focar na reflexão sobre produção e gravação de podcast como metodologia de pesquisa-ação e como resultado do processo de discussão sobre comunicação e contra-hegemonia, visto que a experiência pode ser replicada e apresentou alcance maior do que esperado no planejamento. Após chuva de ideias, o grupo escolheu Vozes do Pirocaba como denominação do *podcast*, entre as sugestões apresentadas. A denominação traz à tona a vontade das mulheres de narrar suas próprias histórias sobre o território, mas também a luta por “voz” no sentido empregado por Solnit (2017), abarcando amplos direitos que se conectam à comunicação.

“Por voz não me refiro apenas à voz em sentido literal – o som produzido pelas cordas vocais nos ouvidos dos outros -, mas à capacidade de se posicionar, de participar, de se experimentar e de ser experimentado como uma pessoa livre com direitos (...) O silêncio foi o que permitiu que os predadores atacassem ao longo das décadas, sem impedimentos. É como se as vozes desses homens públicos importantes devorassem e aniquilassem as vozes dos outros, num canibalismo narrativo” (SOLNIT, 2017, p. 31-32).

O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), do Governo Federal, foi o tema do projeto-piloto do *podcast*, seguindo escolha do grupo. O Território Agroextrativista Pirocaba foi inserido no PAA, em 2023, portanto as mulheres já haviam participado de diversas formações das Cadernetas Agroecológicas, o que contribuiu para a diversificação e valorização da produção agroecológica. Pouco divulgados para o grande público, o PAA, assim como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) são importantes para a política de estímulo à agricultura familiar e à agroecologia.

As mulheres contaram que antes da adesão ao PAA, os preços dos seus produtos estavam muito baixos no mercado. Também relataram dificuldades para transportar a produção até

o centro de Abaetetuba ou para Belém. Com a incorporação do território ao PAA, a produção passou a ser vendida por valores acima do que conseguiam no mercado e, portanto, mais justos. Outro fator positivo avaliado por elas é que o caminhão do programa desloca-se até o território periodicamente para recolher a produção agroecológica.

Depois de contarem a experiência na roda, foi elaborado um roteiro envolvendo depoimentos delas como protagonistas do PAA no território. Daniela Araújo e Rosa Maria Vilarino foram escolhidas para fazer a locução do podcast. Daniela Araújo, Lidiane Vilarino e Milena Vasconcelos ficaram responsáveis por contar suas experiências e avaliar a participação no PAA. As demais participantes auxiliaram na produção e na gravação.

Cada uma delas escreveu seu próprio depoimento. Foram feitas adaptações para uma linguagem mais adaptada aos podcasts, sem interferir nas informações que selecionaram. Também foram suprimidas algumas repetições nos diferentes depoimentos para acolher uma maior diversidade de argumentações sobre o PAA. Depois de trabalhar os textos, algumas locuções foram ensaiadas antes das gravações. Optou-se por uma edição-piloto com aproximadamente cinco minutos de duração.

Cada trecho do podcast foi gravado em torno de três ou quatro vezes para que as melhores versões fossem escolhidas. A ideia foi incentivá-las a vivenciar esse primeiro encontro com a comunicação popular e feminista de forma mais lúdica e experimental, reconhecendo que todas têm saberes importantes a serem compartilhados (FREIRE, 2014). Privilegiou-se a sensibilidade para compreender a singularidade do processo vivenciado por elas, mais do que a preocupação com as normas da comunicação profissional.

Durante a avaliação da atividade foi feita leitura em grupo do texto *Comunicação feminista e popular: processos, aprendizados e práticas das mulheres em movimento*, da comunicadora Fabiana Benedito, publicado pela Sempre Viva Organização Feminista (SOF) e Marcha Mundial das Mulheres no site Brasil de Fato. O texto ressalta a importância da comunicação para incentivar a atuação das mulheres enquanto sujeitos políticos.

Todas podemos ser comunicadoras porque comunicação não é apenas uma técnica. Tampouco um conhecimento que algumas pessoas – em especial homens brancos heterossexuais – possuem. Não se trata, para nós, de uma mera transmissão de mensagens. Falamos em construção de memória da organização popular e de sentidos comuns para as nossas lutas, denúncias das desigualdades sociais e fortalecimento das mulheres como sujeitos políticos (BENEDITO, 2022).

As avaliações do grupo de mulheres do Pirocaba focaram, principalmente, na importância do processo de construção coletiva do podcast como experiência nova, que pode estimular a comunicação em outros territórios. Também transpareceu a união do grupo, o apoio mútuo em torno dos projetos coletivos como fator que contribuiu para o bom encaminhamento da pesquisa-ação. Em tempos de individualismo exacerbado, incentivado de formas diversas pelo neoliberalismo, esse forte senso de coletividade traduz-se como vantagem para os projetos desenvolvidos pelas mulheres no Pirocaba. A seguir os depoimentos de Daniela e Dayane Araújo respectivamente:

Gostaria de falar sobre o tema que escolhemos. Eu já queria ter falado do PAA e escrito um texto pra colocar no nosso grupo da resistência no WhatsApp. Mas o podcast é melhor. Eu acho que ele ficou tão educativo e informativo. As pessoas vão entender o que é o programa com o depoimento de quem está

participando. Além disso, vamos ser as primeiras mulheres a ter um podcast por aqui. A gente quer motivar mulheres de outros territórios a se sentirem capazes de fazer isso também. Ser multiplicadoras é importante, assim como você veio aqui compartilhar conhecimento com a gente, trabalhar junto nessa pesquisa (informação verbal, 2024).

Essa experiência foi uma construção, né? Todo mundo contribuiu. Tem pessoas que não se sentem à vontade para falar ainda, mas vai chegar o tempo que vão se indicar: “eu quero falar”. Tenho certeza de que tem gente que nem tinha ouvido falar sobre o que é um podcast. Por isso queremos agradecer pela paciência e pelos Estou muito feliz e com vontade de construir junto com todas vocês (informação verbal, 2024).

O podcast foi editado e enviado ao grupo de mulheres participantes da pesquisa-ação alguns dias após as gravações. O resultado foi compartilhado por elas com outras famílias do Pirocaba e com os demais territórios parceiros nas lutas do Baixo Tocantins. O resultado também foi publicado no perfil da FASE nacional no Instagram³, com repercussão positiva para o território Pirocaba e, principalmente, para o grupo de mulheres que atuam na pesquisa-ação.

Além disso, o PAA, tema escolhido para o projeto-piloto e os relatos das mulheres no podcast Vozes do Pirocaba, deixam claro que a economia feminista e popular envolve muito trabalho das mulheres e de suas famílias no território, o que resulta em uma produção agroecológica de qualidade, que necessita de visibilidade, valorização e apoio do poder público para se manter como prática que possibilita permanência no território, conservação da natureza, combate à fome e à insegurança alimentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comunicação Social é um campo de disputa de ideias e embate de sentidos fundamental quando se trata da Amazônia. Destaca-se o poder das grandes empresas para legitimar e propagar narrativas oriundas de ideologias que estão na centralidade dos interesses do grande capital, como a importância do desenvolvimento e do progresso. A partir do diálogo com a obra de Gramsci, acredita-se que o enfrentamento e a resistência aos interesses hegemônicos, aqui representados pela territorialização do capital transnacional em territórios amazônicos, também passam pelo reconhecimento sobre a importância da comunicação contra-hegemônica.

Coutinho (2008), que está entre as referências sobre os estudos gramscianos no Brasil, observa que todo processo de hegemonia é também um processo comunicacional. Pela comunicação, formam-se e transformam-se as ideologias que agem ética e politicamente na transformação da história.

Em linhas gerais, a conclusão a que Gramsci chegou foi a de que, nas sociedades industrializadas, de tipo ocidental, a dominação de classes não se dá apenas por meio dos aparelhos de coerção, mas também pela “hegemonia”, isto é, pela busca do “consenso” do dominado. A sociedade civil, a esfera da cultura, aparece como uma das instâncias da luta política (Coutinho, 2008, p.46).

3 https://www.instagram.com/reel/C3iRFXTLESI?utm_source=ig_web_copy_link

No contexto dos territórios ameaçados na Amazônia paraense, as ações de resistência precisam avançar junto com um forte processo de comunicação contra-hegemônica, visando à amplificação das vozes das populações dos territórios tradicionais. No caso específico do território Pirocaba, verificou-se a necessidade de multiplicação de informações estratégicas para a luta pela permanência no território; a proteção da sociobiodiversidade; e a visibilização da produção das economias feminista e popular, associada ao protagonismo das mulheres (Figura 4).

Figura 4 - O grupo de mulheres que participa da pesquisa-ação no Pirocaba



Fonte: Elaboração própria.

Os primeiros resultados da pesquisa-ação no Pirocaba, com a utilização das rodas de conversa e de *podcast* como ferramentas metodológicas, mostraram-se satisfatórios quanto ao objetivo de amplificar as vozes das mulheres do Pirocaba, evidenciando suas práticas produtivas e socioculturais alicerçadas em territorialidades que conectam natureza e cultura de forma inseparável.

Os resultados dessa pesquisa-ação em andamento não podem ser generalizados para territórios que não compuseram o trabalho. Isso porque toda a investigação prévia norteadora do planejamento tem como base as características do Pirocaba e do grupo de mulheres envolvidas nas atividades de comunicação propostas, como ocorre sempre quando se utiliza a pesquisa-ação como metodologia. No entanto, os resultados oferecem pistas para o enfrentamento do silenciamento e da invisibilização das populações em territórios ameaçados pela territorialização do capital transnacional, considerando a importância estratégica da comunicação contra-hegemônica na luta - desigual - entre projetos desenvolvimentistas das grandes empresas e modos de vida amazônicos defendidos por populações tradicionais.

Agradecimentos

Esta pesquisa foi realizada com apoio parcial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por meio de bolsa de estudos concedida entre junho de 2021 e setembro de 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. *Propostas para comunicação agroecológica*. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2020.
- BALDISSERA, Adelina. *Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo*. *Sociedade em Debate*, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2001.
- ASAPAP, Associação dos Agroextrativistas, Pescadores e Artesões do Pirocaba. Coordenação Comunitária de Consulta Prévia, Livre e Informada. *Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada*. Abaetetuba: FASE Amazônia, 2018.
- ASAPAP, Associação dos Agroextrativistas, Pescadores e Artesões do Pirocaba. Coordenação Comunitária de Consulta Prévia, Livre e Informada. *Plano de Gestão Territorial da Comunidade Pirocaba*. Abaetetuba, 2022.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 02 mar. 2024.
- COUTINHO, Eduardo Granja; PAIVA, Raquel. *Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade*. Mauad X, 2008.
- DE MORAES, D; RAMONET, I; SERRANO, P. *Mídia, poder e contrapoder: Da concentração monopólica à democratização da comunicação*. Boitempo Editorial, 2015.
- FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Editora Elefante, 2019.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Editora Paz e Terra, 2013.
- MÓNICO, L. et al. *A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa*. CIAIQ 2017, v. 3, 2017.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. *A reinvenção dos territórios na América Latina/Abya Yala. Conceptos y fenómenos fundamentales de nuestros tempos*. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2012.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. *A reapropriação social da natureza e a reinvenção dos territórios: uma perspectiva latino-americana*. *Revista ALASRU*, México, n. 10, p. 63-86, 2014.
- SOLNIT, Rebecca. *A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos*. Editora Companhia das Letras, 2017.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. Cortez editora, 2022. Edição do Kindle.
- WEITZMAN, R.; SCHOTTZ, V.; PACHECO, M. E. L. *Mulheres construindo a agroecologia: caminhos para a soberania e segurança alimentar e nutricional*. In: RODY, T., TELLES, L. (Orgs.) *Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas*. Viçosa, MG: Editora Asa Pequena, 2021, p. 114-148.